

Um dos fenômenos inquietantes da atualidade é a nossa incapacidade crescente para a compreensão dos acontecimentos. Essa incapacidade cresce a despeito do aumento do nível geral educativo. A explicação do fenômeno é dupla: a quantidade das informações disponíveis ultrapassa a capacidade da memória, por mais que a educação amplie essa capacidade. E a qualidade das informações disponíveis atingiu uma complexidade superior à capacidade de assimilação, por mais que a educação refine essa capacidade. Em outras palavras, abarcamos e assimilamos uma parcela sempre menor das informações disponíveis. E isto, muito embora abarquemos e assimilamos um número maior de informações que gerações passadas. A consequência disto é que somos incapazes para formar uma opinião inteligente sobre a cena dentro da qual estamos. Isto nos deixa com várias possibilidades. (a) Podemos formar opiniões que não sejam inteligentes. (b) Podemos formar opiniões sobre parcelas restritas da cena, e abandonar a tentativa de compreender a cena em sua totalidade. (c) Podemos formar opiniões inteligentes sobre parcelas restritas, e pouco inteligentes sobre a totalidade da cena. (Esta é a alternativa escolhida pela maioria dos intelectuais da atualidade.) (d) Podemos abandonar a tentativa desesperada de abarcar e assimilar informações, e procurar captar a estrutura do processo informativo, na esperança de alcançar assim uma espécie de compreensão da nossa cena. Talvez haja outras possibilidades. Ignoro quais sejam. O homem é homem apenas quando forma uma opinião inteligente sobre a cena na qual se encontra, e quando procura agir de acordo com ela. Se não conseguir fazê-lo, deixará de ser homem. O fenômeno apresentado é inquietante, porque ameaça a continuidade do homem enquanto homem. A alternativa (d) será pois o tema deste ensaio.

Formularei a alternativa em outros termos. A cena dentro da qual me encontro é objeto de várias disciplinas que a explicam. Por exemplo: a física, a biologia, a psicologia, a economia explicam vários aspectos da minha cena. Esses vários aspectos coincidem em determinados pontos. Um dos pontos de coincidência é, por exemplo, a minha atividade de escrever este ensaio. Essa atividade é pois explicável fisicamente, biologicamente, psicologicamente, economicamente. As explicações fornecem informações, as quais, se e quando captadas, fazem com que eu compreenda por que, para que, e como escrevo. (Nos exemplos citados: escrevo este ensaio por causa de determinados vetores de forças nos meus dedos e nas teclas da minha máquina, por causa de determinadas secreções da minha glândula parótida, escrevo para sublimar meu desejo de dormir com minha mãe e para ganhar um cheque, e assim em diante). Essas informações não podem, no entanto, ser captadas, dada a sua quantidade e sua qualidade. Em consequência não compreendo por que, para que e como escrevo este ensaio. A minha incompreensão é consequência do excesso das informações das quais disponho. E, já que não compreendo por que escrevo, compreendo muito menos a totalidade da minha cena. Vivo em cena excessivamente explicada e, por isto mesmo, incompreensível. Seria pois insensato procurar por

2

VILÉM FLUSSER

mais uma explicação para torná-la compreensível. Mas talvez seja possível compreender a situação pela comparação de explicações coincidentes. Este será o tema das considerações que se seguem.

Nos exemplos citados são a física, a biologia, a psicologia e a economia competentes para a explicação da atividade de escrever este ensaio. A competência dessas quatro disciplinas inclui essa atividade. Explicações coincidem, quando há interpenetração de competências, e não coincidem, quando não há. Por exemplo: a psicologia é incompetente para explicar o movimento da lua, e neste caso não há coincidência de psicologia com física, e ela é incompetente para explicar o deficit orçamentário de Ghana, e neste caso não há coincidência de psicologia com economia. É um alívio notar que competências não são infinitas. (Embora possam ser estendidas. Um fanático da psicologia, por exemplo um ortodoxo do freudismo ou do jungismo pode estender a sua competência para incluir o movimento da lua e o orçamento de Ghana. Toda ortodoxia, por exemplo a marxista, a judaica, a teosófica são extensão de competência deste tipo. Por isto é a nossa cena perfeitamente explicável e compreensível para ortodoxos, a saber por eliminação de competências coincidentes, isto é: por empobrecimento.) O problema da compreensão da situação está pois intimamente ligado ao da competência de disciplinas.

Aplicarei, para tratar do problema, uma terminologia determinada. Chamarei as disciplinas que explicam a situação: "modelos", e chamarei a atividade explicatória: "modelar algo dado". O algo dado, (a cena na qual me encontro), é modelado para ser compreendido e para ser modificado pela minha ação deliberada. O modelo é pois de certa forma anterior ao mundo, já que é por ele que percebo o mundo como que por óculos entrepostos entre mim e mundo. O mundo percebido por mim, (a "realidade para mim"), tem a forma do modelo, é "informado" por ele. E se analiso meu mundo, descubro nele as formas do meu modelo. As ciências da natureza, (para dar um exemplo), descobrem na natureza as formas dos modelos que aplicaram para perceber a natureza. É neste sentido circular e vicioso que o pensamento se adequa à coisa. Os modelos são sistemas que consistem de elementos e regras. Chamarei a soma dos elementos de um dado modelo: "repertório do modelo", e chamarei a soma das regras que organizam os elementos: "estrutura do modelo". Por exemplo: no repertório da física (como modelo) constam elementos como "carga" e "velocidade", e regras como "segundo princípio da termodinâmica" e "equação de Einstein". Os elementos do modelo podem ser organizados pelas regras em várias combinações, e chamarei a soma das combinações possíveis "competência do modelo". Finalmente chamarei a soma das combinações realizadas no curso da aplicação do modelo: "universo do modelo". Por exemplo: a competência da física é a soma das observações e teorias possíveis no repertório e na estrutura daquele modelo, e o universo da física é a soma das observações e teorias realizadas no curso da aplicação daquele modelo. (Notem que "observação" e "teoria" são termos que denotam determinadas combinações de elementos de acordo com regras.)

VILÉM FLUSSER

Os elementos que perfazem o repertório de um modelo significam algo. São "símbolos", e o algo que significam é o seu "significado". Falando aproximadamente, são os significados dos símbolos as coisas do mundo modelado. Mas essas coisas não são anteriores ao modelo, como acreditava uma teoria do conhecimento realista. O modelo não cria seus elementos para significar algo dado. Pelo contrário: com seus elementos cria seu significado. Por exemplo: o significado de "carga" e "velocidade" está no universo da física, porque estes símbolos constam do repertório daquele modelo. As regras que perfazem a estrutura de um modelo resultam em combinações de elementos que têm "sentido". O sentido dessas combinações são "situações" do mundo modelado. Falando aproximadamente, essas situações são relações entre as coisas do mundo. Mas essas situações não são anteriores ao modelo. São, pelo contrário, consequências da aplicação do modelo. Por exemplo: a situação "segundo princípio da termodinâmica" é uma situação do universo da física, porque consta da estrutura daquele modelo. Em suma: o universo de um modelo é consequência da competência do modelo, e não vice versa. Em outras palavras: um modelo não é competente para um mundo dado, mas um mundo é dado pela competência de um modelo. A nossa cena é o conjunto dos mundos dados pelas competências dos nossos modelos. Compreenderemos essa cena, se compreendermos as competências dos modelos.

Para podermos compreender essas competências, devemos apreender os repertórios e as estruturas. E essa apreensão implica em determinada atitude nossa ante o modelo a ser apreendido: devemos aceitar o modelo como "válido" para um mundo. Chamarei essa atitude: "crença". Por exemplo: para podermos apreender física, devemos admitir que os seus elementos significam algo, e que suas regras têm sentido. Devemos abrir à física uma crença. Com essa crença a física passa a ser, para nós, um modelo que explica algo. Sem essa crença ela seria, para nós, um jogo sem significado e sem sentido. Modelos são jogos investidos de crenças.

Há vários modelos. Alguns dentre os modelos são relativamente simples. Podem ser facilmente apreendidos. Outros são extremamente complexos. A grande maioria das religiões tradicionais e das ideologias filosóficas, políticas e sociais pertence ao grupo dos modelos simples. A totalidade das disciplinas científicas pertence ao grupo dos modelos complexos. Parece pois que, se a nossa meta for a compreensão da nossa cena, basta escolher um modelo religioso ou ideológico, e ignorar o resto. Com efeito, o mundo tem sido sempre compreendido assim antes do aparecimento dos modelos científicos, e continua sendo compreendido assim pela maioria da humanidade. Mas há, nisto, uma curiosidade. Embora seja mais fácil compreender a competência de um modelo simples, é mais difícil abrir-lhe uma crença. A dificuldade reside talvez no fato de modelos simples, (religiões, ideologias etc.), ignorarem que são modelos e se tomarem por "verdadeiros". Modelos complexos, (científicos), sabem, ou sabem quase, que são modelos. Por isto exigem crenças menos intensas que as exigidas pelas religiões e ideologias.

4

VILÉM FLUSSER

Todo modelo é totalitário, no sentido de explicar totalmente o seu universo. A competência de todo modelo abarca o seu universo inteiro. Com a exceção de determinadas situações de limite, que ocorrem em todo universo, e que chamei "paradoxos". Retornarei um pouco mais tarde para considerar este problema. O totalitarismo de todo modelo manifesta-se como tendência antropofágica entre modelos. Todo modelo tende a incluir os demais modelos no seu universo, a assim explicá-los. Por exemplo: o modelo marxista é explicado pelo modelo católico, (como pecado). E o modelo católico é explicado pelo modelo marxista, (como ópio para o povo). Outro exemplo: o modelo marxista é explicado pelo modelo freudiano, (como sublimação de complexos). E o modelo freudiano é explicado pelo modelo marxista, (como ideologia burguesa). Nestes casos de antropofagia ocorrem interpenetrações de competências importantes para a compreensão da nossa cena. Interpenetrações de competências ocorrem, quando dois, (ou mais), modelos possuem repertórios e estruturas parcialmente idênticas, (quando são "semelhantes"). Quanto maior a semelhança entre modelos, tanto maior a sua tendência para a intolerância mútua e para o devorar de um pelo outro. Essa intolerância é menor nos modelos complexos que nos simples, dada a menor probabilidade de coincidência de repertórios e estruturas. Por isto é a antroposofia e o fascismo menos tolerante que a física e a sociologia. Embora seja a física totalitária, (no sentido de incluir o universo da sociologia e poder explicá-lo fisicamente), admite a sociologia como um modelo inferior ao seu e enquadrado pelo seu. E vice versa. A relação entre física e antroposofia é diferente. Dada a dissimilaridade entre as duas competências, não se estabelece conflito, mas incomunicabilidade. Os dois modelos têm universos inteiramente diferentes, e um modelo não tem sentido para o outros. São, mutuamente, jogos.

As semelhanças entre modelos, (os espaços de interpenetração de competências), admitem a construção de metamodelos. Este metamodelo pode ser um dos modelos em conflito. Isto acontece quando explico o marxismo catolicamente, ou a física sociologicamente. Ou pode ser um terceiro modelo que abranje os dois modelos em conflito. Isto acontece quando explico o marxismo e o catolicismo sociologicamente, ou quando explico a física e a sociologia filosoficamente. A hierarquia entre modelos é pois aleatória, e todo modelo pode servir de metamodelo para não importa que modelos. Uma maneira curiosa de explicar o mundo é pois esta: admitir a pluralidade dos modelos, e escolher um modelo qualquer como metamodelo dos outros. É a maneira que chamei, no início deste ensaio, : "pouco inteligente". É pouco inteligente, porque, seguindo este método, não terei captado a competência de vários modelos senão pela competência de um único "ad hoc" escolhido. Decerto forma este é o método de uma ortodoxia um pouco refinada.

Mas existe uma maneira diferente de se construir metamodelos. E ela tem a ver com a limitação das competências de todo modelo que mencionei há pouco. Todo modelo esbarra contra uma situação de limite que chamei "paradoxo". Este fato foi elaborado pelo teorema de Gödel. Em poucas palavras trata-se

VILÉM FLUSSER

do seguinte: Todo modelo produz, no curso de sua aplicação, ~~uma~~ uma situação que, embora faça parte do universo do modelo, ultrapassa a competência do modelo. Darei um exemplo. Que o modelo seja o da aritmética primitiva. Que o repertório desse modelo sejam os números naturais, (1,2,3,..), e que a estrutura seja a da adição e subtração. O paradoxo para este modelo surge quando surge a situação "dois menos três". A situação é paradoxal, porque o modelo é incompetente para resolvê-la, já que não dispõe de números negativos. E isto muito embora a situação esteja composta de elementos constantes do repertório, ("dois", "três"), e de regras constantes da estrutura, ("menos"). O paradoxo pode ser resolvido apenas num metamodelo que inclua números negativos. Mas esse metamodelo, (por exemplo a aritmética ginásial), cai, por sua vez, em paradoxo. Por exemplo, quando surgir a situação "raiz quadrada de menos quatro", já que números imaginários não constam do repertório deste metamodelo. E assim podemos construir metamodelos de metamodelos, resolvendo paradoxos e caindo em paradoxos, numa redução ao infinito.

Todo modelo esbarra, pois, contra situações de limite que são, para ele, paradoxos. São, para ele, inexplicáveis. Para dar alguns exemplos: os modelos religiosos esbarram contra Deus, o modelo marxista esbarra contra a liberdade numa estrutura determinista, o modelo da física contra o fator de indeterminabilidade. Obviamente, os paradoxos não aniquilam o modelo. O modelo se defende, encapsulando o paradoxo. As religiões fazem teologias, o marxismo teorias da liberdade, a física cálculos da indeterminabilidade. Mas o paradoxo persiste. Confrontados com o paradoxo, podemos tomar duas atitudes: (a) Podemos aceitá-lo como paradoxo, (como "mistério", como "limite do pensável", como "ultrapassando a compreensão humana"). Neste caso teremos transformado a nossa crença inicial no modelo em fé no modelo. (b) Podemos resolver o paradoxo construindo um metamodelo. Neste caso teremos abandonado a crença inicial no modelo. Mas devemos saber, ao fazê-lo, que resolvemos o paradoxo apenas para cair em outro.

O presente ensaio recomenda a segunda atitude. Vê nela uma possibilidade de compreender o mundo pelo método de construção de modelos com índices crescentes. Por isto mesmo tem este ensaio o dever de apontar as desvantagens do método recomendado. Estas desvantagens não são apenas a redução ao infinito. São também a crescente abstração da compreensão alcançada. Voltemos ao exemplo da aritmética ginásial como metamodelo da aritmética primitiva. Este metamodelo resolve o paradoxo "dois menos três", e este deixa, portanto, de ser "misterioso", como o é para uma criança de sete anos. Mas alcança este resultado a dois preços. O primeiro é sua queda no paradoxo dos números imaginários. O segundo é o fato de não ser traduzível a solução do paradoxo ao concreto. Não posso dizer: "tirando três maçãs de duas resta menos uma maçã". O preço é alto. Para a criança de sete anos o paradoxo, a despeito da aritmética ginásial, persiste. Para uma pessoa religiosa o paradoxo de Deus persiste, a despeito das críticas da religiosidade. Para o marxista o paradoxo da liberdade, (a sua "dialéctica"), persiste, a despeito da análise estruturalista. pa

6

VILÉM FLUSSER

ra o físico o paradoxo de fator da indeterminabilidade persiste a despeito da análise fenomenológica da observação como pura intencionalidade. Em outras palavras: a solução dos paradoxos não vale para quem tem fé no modelo, já que para ele carece de sentido.

Admitidas as desvantagens do método, discutamos as suas vantagens. A meu ver são estas: A construção de metamodelos que resolvem paradoxos resulta em crenças variáveis. Posso doravante participar de vários modelos, e aplicá-los alternadamente. E isto aumenta a minha liberdade. Resulta ainda em distância irônica de todos modelos. Posso contemplar todos modelos de fóra, (embora sempre a partir de um determinado metamodelo). E isto aumenta a minha dignidade de ente existente. Resulta ainda em visão mais ampla e mais rica da minha cena. Posso compreender a cena de ângulos diferentes. E isto aumenta a minha competência enquanto ente agente. E resulta finalmente numa reviravolta de interesse. Não me engajo doravante tanto em determinados modelos, (em crenças), mas me engajo muito mais na comparação entre modelos. E isto aumenta a minha tolerância, (aquilo que os antigos chamavam "equanimidade"). Em suma: a vantagem do método é que ele permite uma visão relativamente inteligente da cena na qual me encontro.

Não resta dúvida que este método coloca o homem dentro de um horizonte do absurdo, (do absurdo da redução ao infinito e da abstração crescente). Em outras palavras: coloca o homem na situação de perda de fé derradeira. Mas esta situação é ambivalente. Ao admitir que não há limite para o explicável, (já que admite que não há limite para a construção de modelos com índices crescentes), estamos admitindo que não há limite para o inexplicável, (já que todo modelo, de não importa que índice, cai em paradoxo). Nesta ambivalência reside, a meu ver, a essência do homem. O homem é um ente essencialmente ambivalente. Na avalanche de modelos que caracteriza a atualidade, no excesso de explicações que sobre nós se precipitam, é bom, a meu ver, mantermos este fato em mente. É bom sabermos que não há limite para a compreensão humana. E este saber evitará a nossa queda no anti-intelectualismo. É bom saber que não há limite para o incompreensível. E este saber evitará a nossa queda para o intelectualismo. E será com este duplo saber, (isto é com a decisão de resolver paradoxos em direção de paradoxos), que garantiremos a continuidade do homem enquanto homem.